SUGESTÃO DE ATIVIDADE INTERDISCIPLINAR

TV Escola - 2008

FÉ NA VITÓRIA

Documentário da série As cores da guerra

SINOPSE

Uma professora de História discute e propõe uma atividade sobre o documentário *Fé na Vitória*, que apresenta imagens em cores da Segunda Guerra Mundial que só foram reveladas publicamente há pouco tempo. Elas mostram a participação japonesa nas batalhas, e revelam a angústia da sociedade no final da Segunda Grande Guerra.

CONSULTOR

Professora Denise Mendes - História





❖ MATERIAL NECESSÁRIO PARA REALIZAÇÃO DA ATIVIDADE:

- Lápis e caneta;
- Borracha:
- Caderno e folhas avulsas de papel;
- Quadro negro e giz (branco e colorido);
- Papel Kraft ou cartolina ou papelão;
- Canetas coloridas tipo hidrocolor
- Computadores (opcionais, para complementar o trabalho em sala de aula, substituindo o quadro negro e para o trabalho de pesquisa e organização das produções dos alunos).

❖ PRINCIPAIS CONCEITOS QUE SERÃO TRABALHADOS

- Imperialismo
- Teocracia (governos teocráticos)
- Totalitarismo
- Autoritarismo
- Democracia
- Guerras mundiais
- Fontes históricas

❖ DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

Principais etapas e estratégias para trabalho interdisciplinar sugerido

O documentário *Fé na vitória* apresenta várias possibilidades de reflexão para a disciplina de História. Por tratar da trajetória do Japão na primeira metade do século XX, o filme introduz temas geralmente não abordados nos livros didáticos, como a história na Ásia – suas tradições e conflitos.

Porém, mais do que estudar aspectos históricos de países asiáticos, o documentário abre discussões de caráter geral, para a história da humanidade, seja ela no Oriente ou no Ocidente. Isso porque possibilita a discussão de conceitos fundamentais para a compreensão da história – no passado e no presente.

Nesse sentido, destacamos alguns aspectos que podem render em sala de aula boas discussões e produções.

Para iniciar o trabalho com o documentário, o professor pode explorar a linguagem do próprio vídeo – Como ele foi feito? Quais as fontes utilizadas? O que elas sugerem? Nessa etapa, os alunos discutirão o conceito de fonte histórica e aprofundarão questões pertinentes às fontes usadas no documentário: depoimentos e imagens cinematográficas de época.

O trabalho com as diferentes fontes históricas faz parte do ofício do historiador – a pesquisa e a análise são fundamentais para o resgate histórico.





Discutir com os alunos o uso das fontes é fundamental para entender como versões sobre a história são construídas.

Após assistirem ao documentário, o professor sugere uma análise sobre as imagens usadas: Quem filmou? Quando? Quais as intenções? As imagens transmitem qual(is) idéia(s) sobre o Japão? Por que elas mostram cenas de euforia e felicidade ao tratarem do contexto do préguerra? Qual a imagem (identidade) construída sobre o Japão a partir desses documentos visuais?

Para auxiliar no debate, segue trecho de artigo escrito pelos historiadores Denise Mendes e Roberto Catelli, e publicado em site voltado ao trabalho dos professores em sala de aula:

Um dos historiadores pioneiros na reflexão sobre o cinema como fonte de investigações histórica foi o francês Marc Ferro, herdeiro da Escola dos Annales. Para ele:

o filme pode tornar-se um documento para a pesquisa histórica na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos intrínsecos à própria expressão cinematográfica. Esta definição é o ponto de partida que permite tirar o filme do terreno das evidências: ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento¹.

Quando percebeu que um filme não era apenas fonte de prazer estético ou de divertimento, o historiador passou a considerar o cinema como um agente transformador da história e também como registro histórico. Portanto, na relação cinema-história, há dois eixos fundamentais de questionamento: a leitura histórica do filme – analisar o filme à luz do período em que foi produzido – e a leitura cinematográfica da história – a história lida pelo cinema. Sendo que esta última coloca para o historiador uma questão: a sua própria leitura do passado.

Desde que a produção cinematográfica passou a ser encarada como um testemunho da sua sociedade, como um reflexo das ideologias, dos costumes e das mentalidades coletivas que a produziram, podemos ver um filme tanto como documento historiográfico quanto como um discurso sobre a história.

"É preciso considerar a história a partir das imagens", diria Ferro, e não procurar nelas apenas a confirmação ou a negação de um outro saber, o da tradição escrita.

Seja filme de ficção, documentário, cinejornal ou cinepropaganda, todos os gêneros cinematográficos constituem material da mesma natureza para o historiador. Dessa forma, estão sujeitos às mesmas indagações e metodologias de análise quando encarados como fontes documentais.

Penalves destaca ainda os efeitos que o cinema produz na sociedade, influenciando e interferindo sobre a história:

¹ Marc Ferro, Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 86.



TV Escola - O Canal da Educação



em primeiro lugar, nenhum filme é neutro em relação à sociedade que o produziu; em segundo lugar, sendo exibido em outras nações, será o portador da transferência de valores e idéias; resumindo: ao se posicionar diante do quadro social que o gerou e ao ser exibido em outras nações, intervém na ordem social (...) O filme, seja de que gênero for, interfere na realidade, isto é, age na História².

(Fonte: artigo "Cinema e História na sala de aula", disponível em http://www.scipione.com.br/educa/oficinas/historia/05/artigo/artigo_012003.htm. Acesso em 07/08/08)

Os alunos, após lerem esse (ou outro texto sobre o assunto), discutem a relação entre cinema e história. Os filmes contam a verdade? Há verdade na história? Os filmes são versões sobre um acontecimento?

Outra discussão, ainda sobre as fontes históricas, refere-se aos depoimentos dos japoneses sobre seu país e as guerras. Pelos depoimentos, é possível construir um painel sobre a mentalidade da época. O que pensavam os japoneses sobre seu país, seu imperador, sua participação em conflitos, sua situação econômica etc. Os alunos podem anotar algumas falas e interpretar a visão dos japoneses daquela época sobre o contexto em que viviam. O trabalho com as histórias individuais — vistas nos depoimentos — destaca a importância da participação de cada uma na história, como sujeito que age no seu tempo.

A segunda etapa de trabalho investiga o conceito de imperialismo. O que caracteriza um império? Como se forma um império? Quais foram os grandes impérios da história da humanidade? Por que os impérios acabam? Quais as implicações de ações imperialistas? Ainda há Estados com ações imperialistas no mundo? Como eles agem?

Essas questões (e outras que o professor achar pertinentes) são debatidas com os alunos, usando como base as informações do documentário – o desejo imperialista dos japoneses na Ásia e o sonho imperialista nazista na Europa.

Ao final do debate oral, os alunos registram por escrito os resultados, por meio de uma resenha. Nessa, os alunos apresentam o tema debatido, expõem as opiniões e faz considerações sobre elas, apontando sua crítica (pontos positivos e pontos negativos).

A terceira etapa proposta a partir do documentário diz respeito aos regimes políticos e sistemas de governo praticados no século XX e XXI. Aqui, serão discutidos os conceitos de teocracia, democracia, totalitarismo, autoritarismo e imperialismo.

Ao rever o documentário, os alunos tentam caracterizar os governos citados no documentário. Como era governado o Japão? Quais as características desse tipo de governo? Como era governada a Alemanha de Hitler? E a Itália de Mussolini? O que caracterizava esses

² Antonio Penalves Rocha. O filme: um recurso didático no ensino de História? In: Lições com o cinema. São Paulo: FDE, 1993, p.75.



TV Escola - O Canal da Educação



governos? Há diferenças entre os governos praticados no Japão e na Alemanha? Quais? Os alunos, organizados em pequenos grupos, anotam suas opiniões e, a seguir, em uma roda, expõem suas idéias e debatem com outros grupos. Eles irão contemplar suas respostas com as dos colegas e procurarão organizar as definições coletivamente.

A seguir, o professor sugere uma pesquisa sobre os termos citados. Há obras de referência especializadas em termos políticos e sociais, como o Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio. Se não estiver disponível, basta um dicionário da língua portuguesa.

Os verbetes sobre cada conceito serão anotados nos cadernos e as informações compartilhadas. O próximo passo é compreender a extensão política desses conceitos, isto é, como eles se realizam (ou se realizaram) na história de diversos países, em diferentes momentos.

Por exemplo, o Dicionário de Política, organizado por Norberto Bobbio, inicia a definição de totalitarismo assim:

Segundo Hannah Arendt (The origins of totalitarianism, 1951), o totalitarismo é uma forma de domínio radicalmente nova, pois não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu. (...) Outra teoria clássica, a de Carl J. Friedrich e Zbigniew K. Brzezinski (Totalitarian dictatorship and autocracy, 1956), define totalitarismo com base nos traços característicos que podem ser encontrados na organização dos regimes totalitários, resultante em linhas gerais da união dos seis pontos seguintes: 1) ideologia oficial a qual todos os membros da sociedade devem abraçar; 2) um partido único de massa dirigido tipicamente por um ditador, estruturado de uma forma hierárquica, com uma posição de superioridade ou de mistura com a organização burocrática do Estado: 3) um sistema de terrorismo policial que apóia e controla o partido; 4) monopólio absoluto dos meios de comunicação de massa, como rádio, imprensa e cinema; 5) monopólio absoluto nas mãos do partido de todos os instrumentos de luta armada; e 6) controle e direção central de toda a economia.

(Fonte: Adaptado do verbete "Totalitarismo". IN: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. <u>Dicionário de política</u>. Brasília; São Paulo: Editora da UnB; Imprensa Oficial SP, s.d.)

A partir do verbete, os alunos redigem uma definição (parafraseando o texto do dicionário) e exemplificam as situações citadas. Ou seja, o que caracteriza um governo totalitário? Nas situações do filme, quais governos eram totalitários? Por quê?

Os conceitos de totalitarismo, autoritarismo, democracia e teocracia serão pesquisados, definidos, exemplificados e discutidos em sala de aula.

Uma nova etapa trata de analisar no presente a ocorrência desses regimes políticos no mundo atual. Para tanto, há uma pesquisa feita pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), no início do século XXI, sobre a democracia em 18 países. Quase 19 mil





pessoas foram entrevistadas sobre a importância dos valores democráticos, sobre as ações governamentais e suas conseqüências positivas e/ou negativas, sobre práticas autoritárias etc.

O relatório do PNUD apontou alguns indicadores: 55% das pessoas pesquisadas disseram que apoiariam a substituição de um governo democrático por um autoritário; 58% concordaram que os líderes devem "passar por cima da lei" se precisarem e 56% disseram que o desenvolvimento econômico é mais importante que a manutenção da democracia. (No final da ficha, Texto 1, está disponível artigo publicado por Normam Gall sobre os resultados da pesquisa do PNUD, especial para o jornal O Estado de São Paulo, em maio de 2004)

Ainda sobre as pesquisas realizadas pelo PNUD, também foi divulgada na impressa análise sobre a democracia atualmente no mundo. (No final da ficha, <u>Texto 2</u>, está disponível artigo publicado em setembro de 2005, no site Terra) Após lerem os artigos, os alunos registram os dados informados em ambos. É um trabalho de leitura e organização de informações importante para a realização da atividade seguinte.

Como foram obtidos esses dados? O que esses números indicam? Como se realiza uma pesquisa? Como se tabula as informações coletadas?

A proposta de atividade é a realização de uma pesquisa de opinião sobre os regimes políticos e sistemas de governo adotados no Brasil. O objetivo é traçar um perfil de uma comunidade (da escola, da família e/ou do município) a partir de uma amostragem.

Os alunos organizam um questionário com as perguntas que consideram importantes para a caracterização do pensamento político da sua comunidade. Para a definição das questões, reúnem-se em grupo e debatem o teor das perguntas e a redação do texto que constará no formulário. As perguntas devem conduzir a respostas SIM ou NÃO, ou ainda indicar uma alternativa que conste no formulário. São as chamadas "perguntas fechadas". Assim, o trabalho de tabulação e leitura dos dados fica mais fácil.

A escolha dos entrevistados é fundamental para a obtenção de resultados significativos. Por exemplo, não tem validade a opinião de uma criança, já que ela não tem maturidade para escolher e opinar sobre este assunto. Assim, os entrevistados devem ter mais de 16 anos, pois são os eleitores e conhecem parte da história política do Brasil. Variar as idades (de 16 a 80 anos, por exemplo) dos entrevistados também é importante, para que haja uma representatividade da população.

Exemplo de formulário para a pesquisa de opinião por amostragem:

Dados sobre o entrevistado (não precisa identificar o nome)

1. Idade:	() entre 16 e 18 anos
	() entre 19 e 25 anos
	() entre 26 e 40 anos
	() entre 41 e 60 anos
	() mais de 61 anos



2. Sexo: () Masculino	o () Feminino
3. Grau de instrução:	() Fundamental incompleto
	() Fundamental completo
	() Ensino Médio incompleto
	() Ensino Médio completo
	() Nível superior incompleto
	() Nível superior completo
	() Pós-graduação
4. Renda familiar:	() até 1 salário mínimo
	() até 3 salários mínimos
	() até 5 salários mínimos
	() até 10 salários mínimos
	() mais de 10 salários mínimos
Opinião sobre regimes p	olíticos e sistemas de governo
5. Você considera a democ	cracia o melhor regime político para o país?
() sim () não	
6. Você apóia a democraci	a:
() totalmente	0.00
() em parte	
() não apóia	
7. Qual sistema político voc	cê considera mais indicado para o nosso pais:
() democracia (governo	de um representante eleito)
() ditadura militar (gover	no autoritário de um militar)
() ditadura civil (governo	autoritário de um civil)
() monarquia (governo d	de um rei)
() teocracia (governo de	um líder religioso)
* para essas alternativas, o sistemas/conceitos.	entrevistado deve saber o significado de cada um dos
8. Você apoiaria a substitui	ção de um governo democrático por um autoritário?
() sim () não	
9. Você concorda que os lí	deres devem "passar por cima da lei" se precisarem?





() sim	()) não
--------	----	-------

10. Para você o desenvolvimento econômico é mais importante que a manutenção da democracia?

(.....) sim (.....) não

11. Mesmo se estiver descontente com os governos democráticos, você defende a manutenção da democracia?

(.....) sim (.....) não

12. Você deseja a volta de um governo autoritário, nos moldes da ditadura militar praticada durante os anos 1964-1984?

(.....) sim (.....) não

13. Você aceitaria a volta de um líder político autoritário no governo, nos moldes do Estado Novo de Getúlio Vargas?

(.....) sim (.....) não

14. Você aceitaria a volta de um rei no governo, nos moldes do Brasil Imperial?

(.....) sim (.....) não

15. A liberdade política é mais importante do que a estabilidade econômica.

(.....) sim (.....) não

16. A estabilidade econômica é mais importante que a liberdade política.

(.....) sim (.....) não

17. O governo deve garantir a liberdade de expressão e escolha de seus governantes:

(....) integralmente

(....) parcialmente

(....) restritamente

Esses são apenas exemplos de perguntas que podem constar no formulário da pesquisa. Os alunos devem formular as questões de acordo com seu interesse em saber o que pensa a comunidade escolhida para a amostragem.

Para que essa amostragem seja significativa, um número considerável de entrevistas deve ser feito. Em uma sala de aula com 40 alunos, seria aconselhável que cada um fizesse três entrevistas, o que totalizaria 120 formulários preenchidos.

Para a tabulação dos dados, pode ser feito um pedido ao professor de Matemática, já que os dados indicam porcentagens de respostas sobre um tema. A seguir, os alunos podem apresentar os resultados de duas maneiras: um painel com os números (porcentagem) para cada resposta; ou gráficos de setor ou de barras, com as porcentagens de cada resposta.

Por exemplo, para a questão a seguir:

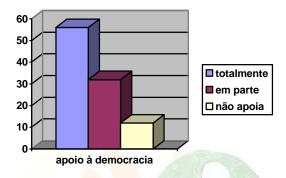




Você apóia a democracia:

56% totalmente 32% em parte

12% não apóia



Os gráficos desenvolvem a habilidade de leitura de informações que reúnem textos e imagens – pois eles são representações gráficas dos dados numéricos.

Os dados e/ou os gráficos são expostos na sala ou no corredor da escola, para que as informações sejam compartilhadas e – se possível – discutidas com os alunos e comunidade entrevistada.

Essa pesquisa pode ser um ponto de partida também para a organização de uma mesaredonda ou um debate, cujo tema retoma conceitos essenciais tratados no documentário *Fé na vitória*: "Por que populações, em determinados momentos da história, legitimam governos totalitários?"

A discussão desses conceitos e a análise de diferentes realidades contribuem para a formação de cidadãos críticos e de eleitores conscientes, que saibam valorizar as conquistas democráticas do passado e evitem retrocessos políticos no futuro, como a aceitação de regimes totalitários, que privem seu povo de valores fundamentais como a liberdade de escolha e expressão.

❖ RESUMO DA ATIVIDADE

Uma passadinha rápida em todo o processo





- a) Discutir o trabalho com as fontes históricas, especificamente com imagens cinematográficas e depoimentos;
- b) Discutir o conceito de totalitarismo a partir do contexto histórico do filme e registrar em uma resenha as opiniões debatidas oralmente;
- c) Caracterizar regimes políticos e sistemas de governo; definir cada um deles e exemplificar com situações do documentário;
- d) Analisar na atualidade a ocorrência de regimes políticos no mundo, a partir de pesquisas já realizadas e artigos jornalísticos;
- e) Pesquisar na comunidade a opinião sobre regimes políticos e práticas de governo, elaborando pesquisa de opinião por amostragem e fazendo tabulação dos resultados;
- f) Apresentar os resultados da pesquisa para os colegas e debater os resultados;
- g) Se possível, organizar um debate ou mesa-redonda sobre a legitimação de governos totalitários em determinados momentos da história.

❖ COMO AVALIAR ESSE TRABALHO?

Hora de avaliar a atividade

A avaliação deve ser processual, portanto, vários instrumentos de avaliação ao longo do trabalho podem ser adotados.

Como sugestão, a primeira etapa do trabalho – de discussão sobre as fontes históricas e, especialmente, sobre as fontes audiovisuais – pode ser avaliada durante o debate ou por meio de uma solicitação de registro escrito. Durante os debates, avaliar: participação, envolvimento, respeito às falas dos colegas, uso adequado da linguagem, argumentação etc. Caso seja pedido uma produção escrita, avaliar tanto a qualidade do texto como a capacidade de reflexão e problematização sobre o uso das fontes pelo historiador.

O professor pode ainda avaliar a produção da resenha sobre o debate acerca do imperialismo. Não apenas a coerência e coesão textual podem ser considerados, mas também a capacidade de síntese em relação ao debate — seleção das informações fundamentais, uso correto dos conceitos etc.

Na atividade envolvendo a construção dos conceitos de totalitarismo, autoritarismo, democracia, teocracia, o professor pode avaliar a leitura dos artigos sugeridos e a organização das informações. A seguir, a participação na construção do questionário da pesquisa de opinião, a realização das entrevistas, a tabulação dos dados, a apresentação dos resultados e a análise desses.





❖ EM QUAL ANO OU ANOS DO ENSINO MÉDIO SERIA MELHOR APLICAR ESSE TRABALHO?

Hora de avaliar a aplicabilidade da atividade

O 3º ano é indicado para desenvolver essa atividade, pois é geralmente o momento em que o aluno está estudando o contexto histórico do século XX – período entre-guerras e ascensão do totalitarismo na Europa, guerras mundiais e governos democráticos.

SUGESTÕES DE LEITURAS

- 1.1. Livros e periódicos:
 - Sobre cinema e história:

BERNARDET, Jean-Claude. O que é cinema. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FERRO, Marc. Cinema e História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ROCHA, Antonio Penalves. "O filme: um recurso didático no ensino de História?" In: *Lições com o cinema.* São Paulo: FDE, 1993.

VESENTINI, Carlos Alberto. A teia do fato. São Paulo: Hucitec, 1997.

Sobre totalitarismo, autoritarismo, imperialismo, democracia e guerras mundiais:

ARENDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo. Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo.* 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora UFRJ, 2001.

BOBBIO, Norberto. *Do Fascismo à Democracia. Os Regimes, as Ideologias, os Personagens.* Rio de Janeiro: Campus, 2007.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília; São Paulo: Editora da UnB; Imprensa Oficial SP, s.d.

CATANI, Afrânio Mendes. *O que é Imperialismo*. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Primeiros Passos 35).

RIBEIRO JUNIOR, João. *O que é Nazismo.* 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Primeiros Passos 180).

Sobre a história do Japão

HENSHALL, Kenneth. História do Japão. Lisboa: Edições 70, 2005. (História Narrativa 17)





1.2. Páginas da Rede (internet)

Sites sobre o debate metodológico do trabalho com as fontes históricas:

- http://www.scipione.com.br/educa/oficinas/historia/05/artigo/artigo_012003.htm artigo
 "Cinema e História na sala de aula", de Denise Mendes e Roberto Catelli, sobre o trabalho com as fontes audiovisuais.
- http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/106.pdf arquivo com artigo "História e Cinema: um debate metodológico", de Mônica Almeida Kornis, da FGV.
- http://www.comciencia.br/especial/cinema/cine01.htm página da revista eletrônica
 ComCiência, especial "Nas fronteiras entre o cinema e a história".

Sites sobre regimes políticos e pesquisas sobre o tema:

- http://www.pnud.org.br/democracia/documentos/TC.esteves.pdf artigo sobre a pesquisa do PNUD sobre a democracia atualmente.
- http://www.normangall.com/arquivosdoc/a_democracia_ameacada.pdf
 artigo de Normal
 Gall sobre a democracia no mundo.
- 1.3. Quais as principais palavras-chave para busca na internet?

Imperialismo
Totalitarismo
Democracia
Sistemas de governo
Regimes políticos
Guerras mundiais
Fontes históricas

1.4. Outros documentários e filmes sugeridos.

Outros filmes sobre o tema:

 Furyo - Em Nome da Honra (Merry Christmas Mr. Lawrence, 1983) Direção: Nagisa Oshima. Produção: Inglaterra/Japão. Duração: 124 minutos.

Sinopse: Baseado no livro de Sir Lourens Van der Post, o filme relata o tenso conflito entre brutais comandantes japoneses e seus obstinados prisioneiros ingleses. O ano é 1942 e o mundo está em guerra. Feito prisioneiro pelos japoneses em um campo de concentração na ilha de Java, oficial britânico Jack Celliers (David Bowie) deslancha um conflito quando resolve não acatar as regras ditadas pelo Capitão Yonoi (Ryuichi Sakamoto), um cruel comandante japonês. Mas entre eles está o Coronel John Lawrence





(Tom Conti), um homem que tem um grande amor pela cultura e língua japonesa, mas que se torna uma ameaça por ser o único a entender ambos os lados.

 Cartas de Iwo Jima (Letters from Iwo Jima, 2006) Direção: Clint Eastwood. Produção: Estados Unidos. Duração: 140 minutos

Sinopse: A nunca antes contada história dos soldados japoneses que defenderam seu país contra as forças invasoras americanas durante a Segunda Guerra Mundial. Pouco municiado, mas dono de uma vontade inabalável, capaz de suportar até mesmo a inóspita ilha vulcânica de Iwo Jima, as táticas sem precedentes adotadas pelo General Tadamichi Kuribayashi e por seus homens, transformaram o que se previa ser uma rápida derrota em uma encarniçada batalha de 40 dias de duração, marcados por combates heróicos.

A Conquista da Honra (Flags of Our Fathers, 2006) Direção: Clint Eastwood.
 Produção: EUA. Duração: 132 min

Sinopse O filme mostra a história real dos seis soldados que ergueram a bandeira norte-americana na batalha de Iwo Jima, decisiva na Segunda Guerra Mundial. A produção foca os dramas vividos por alguns membros do exército norte-americano que estiveram presentes na ilha japonesa e, após erguerem a bandeira, seguiram numa espécie de turnê nos EUA a fim de angariar fundos para conseguir manter o exército do país no Japão, continuando o conflito mundial.

A Um Passo da Eternidade (From Here to Eternity, 1953) Direção: Fred Zinnemann.
 Produção: Estados Unidos. Duração: 118 minutos

Sinopse: Durante a Segunda Guerra Mundial, o recruta Prewitt (Montgomery Clift) é obrigado a lutar boxe pela sua companhia do exército. Só que Prewitt não luta mais, e acaba sofrendo repressão pelos outros soldados com isso. Quem tenta ajudá-lo é o sargento Warden (Burt Lancaster), só que este também já tem problemas suficientes ao se envolver com a mulher de seu superior, a linda Karen Holmes (Deborah Kerr). A vida de todos os personagens é alterada logo após o cruel ataque de Pearl Harbor pelos japoneses.

Império do Sol (Empire of the Sun, 1987) Direção: Steven Spielberg. Produção: EUA.
 Duração: 155 minutos

Sinopse: Jim Graham (Christian Bale) é um garoto de 11 anos de uma família inglesa que vive no Oriente. Jim tem um padrão de vida alto, mas de repente é separado de seus pais em virtude da China ser invadida pelo Japão. Isto o força a se defender e o obriga a crescer, tornando-se então um sobrevivente em um campo de concentração com rígidas regras.





Textos de apoio:

Texto 1O ESTADO DE S.PAULO / Internacional Domingo, 9 de maio de 2004

A democracia ameaçada?

NORMAN GALL Especial para o Estado

A democracia na América Latina se expandiu mais rapidamente do que em outras regiões do mundo desde a década de 70, mas está afetada por frustrações enquanto luta para escolher um caminho entre o velho populismo e as desafiadoras mudanças institucionais necessárias para a estabilidade política e econômica. Está a democracia da América Latina ameaçada? Há muito descontentamento, em grande parte por causa da falta de empregos e de crescimento econômico. O Programa de Desenvolvimento da ONU (PNUD) divulgou há semanas o relatório Democracia na América Latina, que indica fracasso e frustração. Enquanto o relatório da PNUD estava sendo elaborado, as preocupações com o futuro da democracia foram alimentadas pelo colapso financeiro da Argentina; o enfraquecimento do governo de esquerda de Lula no Brasil; a renúncia do presidente Gonzalo Sánchez de Lozada da Bolívia - em outubro, depois que um coalizão de plantadores de coca e rebeldes indígenas travaram batalhas de rua com o Exército -, e o impasse político na Venezuela sobre petições para realizar um plebiscito para acabar com o mandato do presidente Hugo Chávez. Em todas essas crises, alguma forma de continuidade institucional prevaleceu.

A descoberta mais enfática do relatório da PNUD foi que, segundo The New York Times, 55% das pessoas pesquisadas em 18 países disseram que apoiariam a substituição de um governo democrático por um autoritário; 58% concordaram que os líderes devem "passar por cima da lei" se precisarem e 56% disseram que o desenvolvimento econômico é mais importante que a manutenção da democracia. Num editorial, o Times concluiu que "claramente, esse endosso do modelo Pinochet demonstra que a maioria dos latino-americanos não sentem como se tivessem uma participação na democracia". A cobertura que a mídia fez do relatório baseou-se principalmente num comunicado à imprensa que ressaltava suas conclusões mais negativas, que tenderam a insinuar para os latino-americanos e para o mundo em geral que a região está ingressando num novo ciclo de instabilidade: apenas 43% dos latino-americanos apóiam plenamente a democracia.

Desde 2000, entre os 18 países pesquisados, quatro presidentes eleitos (do Equador, Argentina, Bolívia e Haiti) foram obrigados a abandonar o cargo antes do fim do mandato. O relatório provocou uma intensa controvérsia tanto por parte da burocracia da PNUD como por parte das centenas de colaboradores externos. Uma versão definitiva do documento foi montada em Buenos Aires por uma pequena equipe comandada por Dante Caputo, ex-ministro das Relações Exteriores da Argentina. Uma leitura atenta do relatório revela três falhas principais:





1. Seleção adversa dos dados da pesquisa de campo de 2002 conduzida pela Latinobarómetro, uma organização de pesquisa de opinião chilena que vem realizando levantamentos sobre o apoio popular à democracia desde 1995. O relatório enfatizou os aspectos negativos dos dados de 2002 ao mesmo tempo em que ignorou conclusões positivas desse ano assim como os resultados mais animadores dos levantamentos da Latinobarómetro de 2001 e 2003. Numa nota para imprensa na última sexta-feira, Latinobarómetro se desassociou dos achados principais do estudo, citando erros grosseiros do PNUD no manejo dos dados. Por exemplo, só 38% em vez de 58% dos entrevistados achavam que os líderes devem "passar por cima da lei" se precisarem. Das 19.522 pessoas entrevistas em 2002, o relatório da PNUD identificou 43% como democratas, 26% como não democratas e 30% como ambivalentes. Porém, quase dois terços dos entrevistados em 2003 pela Latinobarómetro disseram que a democracia é a melhor forma de governo e o único caminho para o desenvolvimento, com 57% deles dizendo que o desenvolvimento só pode ser atingido por meio de uma economia de mercado. De fato, 44% disseram que as grandes empresas estão se comportando bem na construção de uma sociedade melhor e 51% acham que os executivos dessas empresas poderiam ser líderes melhores do que a atual classe política.

Mas há, também, muita ambivalência. No Brasil e no Peru, 69% viram a democracia como a melhor forma de governo, mas uma porcentagem quase igual disse que aceitaria um regime autoritário se esse resolvesse os problemas econômicos. Em toda a América Latina permeia um grande medo do desemprego, com 23% dos entrevistados dizendo ter dificuldade para pagar suas contas. "Há proporções muito altas de democratas insatisfeitos na Suécia, Grécia, Itália e Irlanda do Norte, assim como na Argentina, México e Zimbábue", escreveu recentemente a diretora da Latinobarómetro, Marta Lagos. "Isto tende a indicar uma reação saudável entre os democratas que exigem mudanças em sociedades em transformação e mostra que ter um grande número de democratas descontentes faz parte do processo democrático e não é necessariamente um sinal de alarme."

- 2. A PNUD entrevistou 231 membros das elites latino-americanas e quase todos eles disseram que "a democracia progrediu significativamente durante a última década. Pela primeira vez na sua história, os países da América Latina atendem os requisitos da definição de democracia eleitoral. Quase todos os líderes reconhecem a centralidade dos partidos políticos e os efeitos danosos da sua perda de prestígio. Mas não houve um consenso sobre as causas da crise nem sobre sua solução. Os líderes da sociedade civil tendem a enfatizar problemas como corrupção, negligência das questões sociais e a busca do poder para atender interesses especiais." As elites demonstraram uma certa preguiça intelectual ao concentrar sua pauta para futuras políticas públicas em questões políticas estreitas em vez de nos problemas críticos para os pobres como educação, violência e desemprego.
- 3. Os problemas políticos da América Latina não são eleitorais, mas institucionais. O relatório da PNUD concentra-se em denunciar os problemas conhecidos o judiciário, a violência, estruturas políticas sem tratar da tarefa mais desafiadora e mais original de propor soluções a esses problemas, nem se arrisca a lidar com questões controvertidas como a geração de uma estrutura política para desenvolvimento econômico da qual dependa a estabilidade em longo prazo e o atendimento das necessidades básicas. A América Latina





é uma das regiões privilegiadas do mundo, com recursos abundantes em relação ao número de habitantes. Possui muitas fontes de energia, poucos conflitos étnicos, religiosos ou lingüísticos e está longe das principais áreas de tensão internacional. Nos 43 anos em que venho me empenhando em escrever e pesquisar sobre a América Latina, com muitos trabalhos de campo em regiões remotas, tenho observado um grande progresso que tende a reforçar a consolidação da democracia. As sociedades vêm se modernizando muito mais depressa que as instituições públicas.

Norman Gall é diretor do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial em São Paulo. Um versão mais longa deste ensaio apareceu recentemente em Braudel Papers, o jornal de pesquisa e opinião do Instituto Braudel (www.braudel.org.br)

Texto 2

Quarta, 7 de setembro de 2005, 20h58

Democracia avançou no mundo desde 1990, afirma Pnud

A democracia experimentou um notável aumento no mundo desde 1990, segundo o Relatório 2005 apresentado hoje pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud).

Diante do nível de 39% de países que eram governados em 1990 por regimes considerados democráticos, o ano de 2003 registrou um total de 55%, contra 18% de Estados regidos pelo que o relatório define como "poder absoluto".

Em termos demográficos, 1,4 bilhão de pessoas passaram a viver em países governados por "democracias multipartidárias", de acordo com o Pnud.

"Mais de dois terços da população da África agora vivem em países com sistemas eleitorais democráticos multipartidários". No entanto, o Pnud destaca que "as eleições multipartidárias por si só não são suficientes para garantir a democracia, e é preciso reconhecer que inclusive nesta medida o copo está quase meio vazio." Neste sentido, o documento afirma que "no Oriente Médio, as eleições multipartidárias praticamente não existem, embora países como Egito e Jordânia estejam dando maior espaço às políticas eleitorais." O Pund diz que, dos dois países mais povoados do mundo, a Índia e China, o primeiro "é uma democracia pujante", mas no segundo as reformas políticas não acompanharam as econômicas.

O relatório ainda tenta desmontar falsas aparências de democracia em certos países, como alguns dos surgidos com a decomposição da URSS, que "são democracias de nome", embora na prática sejam regidos por "poderes absolutos eleitorais".





Nessas antigas repúblicas soviéticas "as eleições multipartidárias podem servir de cortina de fumaça para ocultar um poder executivo despótico, restrições à liberdade de informação e abusos dos direitos humanos que privam a democracia de seu verdadeiro significado", afirma o documento.

O Pnud fala dos movimentos populares como meio para acabar com as práticas autoritárias, e menciona os casos de Geórgia, Ucrânia e Quirguistão, cujos presidentes, "de longa permanência em seu cargo" foram expulsos do poder entre 2004 e 2005 "por meio de protestos públicos desencadeadas pelos aparentes abusos cometidos contra o processo democrático."

Agência EFE - Todos os direitos reservados. É proibido todo tipo de reprodução sem autorização escrita da Agência EFE S/A

(Texto disponível Acesso em 01/08/08) http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI658865-EI294,00.html

